



ÁREA TEMÁTICA: Saúde, Corpo e sexualidade

Do meu primeiro beijo à minha primeira relação sexual – questões sobre a iniciação sexual dos jovens

MARQUES, Ana Cristina

Mestre “Família e Sociedade”

CIES/ISCTE

ana.c.marques@iscte.pt

Resumo

Sexualidade e sentimento amoroso são aspectos que estão hoje em dia muito presentes na vida dos indivíduos, fazendo parte do modo como vivem a sua juventude e de como fazem a sua entrada na vida adulta. Actualmente, é comum para um jovem entrar na vida conjugal como uma bagagem significativa de experiências sexuais. No entanto, e apesar de todo um novo campo de possibilidades que se abre, especialmente, para as mulheres, continuam a existir diferenças nos percursos sexuais dos jovens, nas suas práticas e nos significados que as envolvem.

Partindo do pressuposto que estas diferenças nos percursos sexuais existem, e que estarão relacionadas com diversos factores, entre os quais a posição social dos jovens, o objectivo principal da presente comunicação é o de perceber qual a importância da iniciação sexual para os jovens e de contribuir para explicar de que modo esta se torna (ou não) significativa na construção da identidade dos mesmos. Para tal iremos analisar o resultado de entrevistas realizadas a mães adolescentes e a jovens adultos, da região de Leiria e Ourém.

Consideramos que a iniciação sexual é vivida pelos jovens como assimétrica. Rapazes e raparigas não a experimentam da mesma maneira, têm diferentes espaços de manobra e diferentes pressões morais que recaem sobre eles. Contudo, questionamo-nos até que ponto as diferenças intra-género não serão tão ou mais significativas do que as diferenças inter-géneros, na iniciação sexual dos jovens.

Palavras-chave: Iniciação sexual; Género; Amor; Jovens





Introdução

Resultados de diversos trabalhos, que se têm debruçado sobre as profundas transformações ocorridas desde a década de 60, do século passado, mostram-nos, entre outros aspectos, a progressiva dissociação entre conjugalidade e sexualidade, e a diminuição da idade das jovens à primeira relação sexual. A existência de um período alargado entre a 1ª relação sexual e a entrada na conjugalidade é, aliás, um aspecto decisivo da transição dos jovens para a idade adulta. A sexualidade e o amor tornaram-se dimensões muito presentes na vida dos indivíduos. A primeira relação sexual, momento simbólico e significativo, é geralmente associada ao amor e muitas vezes vivida no quadro de uma relação estável, o namoro.

Nesta comunicação pretendemos reflectir sobre a iniciação sexual dos jovens, procurando perceber como esta se articula com a questão do género. Iremos debruçar-nos, mais especificamente, sobre o período que ocorre entre os primeiros beijos e a primeira relação sexual (quando esta já aconteceu, o que verifica na quase totalidade dos casos). Para tal usar-se-á os dados obtidos através da análise de entrevistas aprofundadas realizadas na região de Leiria e Ourém a 23 mães adolescentesⁱ, com idades compreendidas entre os 14 e os 21 anos, e da análise de entrevistas exploratórias realizadas na mesma região a 10 jovens adultos, heterossexuais, com idades compreendidas entre os 18 e os 29 anosⁱⁱ.

Consideramos que continuam a existir diferenças nos percursos sexuais dos jovens, nas suas práticas e nos significados que as envolvem. Rapazes e raparigas não a experimentam da mesma maneira, têm diferentes espaços de manobra e diferentes pressões morais que recaem sobre eles. Contudo, questionamo-nos até que ponto as diferenças intra-género não serão tão ou mais significativas do que as diferenças inter-géneros, na iniciação sexual dos jovens. Perguntamos ainda qual a importância da iniciação sexual para os jovens e de que modo esta se torna (ou não) significativa na construção da identidade dos mesmos.

I. Mudança, Individualização e sexualidade

No mundo ocidental temos vindo a assistir a uma profunda mudança das formas e valores tradicionais, motivadas pelas rápidas mudanças económicas, sociais e culturais, existentes a uma escala global (Weeks, 1998)ⁱⁱⁱ.

A vida familiar e conjugal sofreu grandes alterações, como a diminuição da fecundidade, o aumento do divórcio, dos nascimentos fora do casamento e da coabitação, etc.. Estas transformações, assim como a difusão dos métodos contraceptivos, o aumento do nível educacional e da taxa de actividade femininas, reflectem-se essencialmente na evolução das atitudes das jovens mulheres. Como consequência existiu um aumento da autonomia das jovens e a diminuição do controlo da sua família de origem, da dominação económica masculina e do risco de gravidez não desejada. Estas mudanças nas atitudes culturais, assim como o alargamento das possibilidades para as raparigas, modificam as condições de transição das



mulheres para a sexualidade adulta de forma bastante mais significativas do que para os homens (Bozon et Kontula, 1997).

Neste contexto de mudanças, assiste-se a uma tendência para a democratização das relações (Torres, 1996; Singly, 1996; Weeks, 1998). As relações igualitárias tornaram-se os modelos pelos quais os indivíduos medem as suas vidas pessoais; a procura da igualdade está no centro de um número cada vez maior de relações, embora esta possa não ser praticada (Weeks, 1998). No centro desta mudança está a crença de que as relações amorosas e o companheirismo devem fazer parte de uma escolha pessoal e não de uma combinação ou da tradição. As razões da escolha devem ser assentes na atracção pessoal, no desejo sexual, na confiança mútua e na compatibilidade (idem). É aquilo a que Giddens (1991) chama de relação pura^{iv}, que num contexto de modernidade, se torna um elemento essencial do projecto reflexivo do eu.

Entre as várias mudanças que se deram no domínio da sexualidade encontramos a legitimação de uma sexualidade não inscrita na conjugalidade - uma sexualidade dos indivíduos, a existência de uma “sexualização” rápida das relações amorosas depois dos encontros e a aproximação das trajectórias e atitudes sexuais de homens e mulheres (Bozon, 1998; 2005 [2002]). Na sexualidade contemporânea, os parceiros sexuais tendem a valorizar simultaneamente a reciprocidade e a satisfação individual. As mulheres passam a ter uma atitude mais activa nas relações amorosas e menos dependente da vontade masculina (idem).

As biografias conjugais e afectivas dos indivíduos diversificaram-se e fragmentaram-se. A duração do período em que os indivíduos são sexualmente activos alongou-se, devido, por um lado, a uma maior precocidade na juventude, e, por outro lado, a um prolongamento da actividade sexual até idades mais avançadas (Bozon, 2005 [2002]; 2004). Esta diversificação das trajectórias sexuais e conjugais coexiste com uma diversificação de maneiras como os indivíduos dão sentido à sexualidade e a inscrevem na sua biografia, aquilo a que Bozon (2004; 2005 [2002]) designa de orientações íntimas.

As mudanças nos comportamentos transformaram as normas sociais existentes que regulam as práticas sexuais. Estas são cada vez menos transmitidas pela família, pelo grupo social ou pela escola e cada vez mais elaboradas em conversas entre pares, entre confidentes e mesmo entre parceiros. Cada vez mais flexíveis e evolutivas, as orientações normativas acompanham o processo de individualização dos comportamentos (idem).

Assistimos à passagem de uma sexualidade construída por controlos e disciplinas externas aos indivíduos a uma sexualidade organizada por disciplinas internas. Assim, mais do que uma emancipação, libertação ou apagamento das normas sociais existe antes uma individualização, mesmo interiorização, o que implica um deslocamento e um aprofundamento das exigências e dos controlos sociais. Passa a caber ao indivíduo a necessidade de estabelecer uma coerência nas suas experiências íntimas (Bozon, 2004). Os actores adoptam uma atitude cada vez mais reflexiva sobre as suas práticas, o que implica um aumento de exigência de significados e de interpretações relativos à actividade sexual (Bozon, 2005 [2002]). No entanto, os indivíduos continuam a ser submetidos a julgamentos sociais estritos, diferentes segundo a sua idade e o seu género (Bozon, 2004). A normatividade contemporânea encerra uma forte contradição entre os condicionamentos sociais da sexualidade, que são geralmente invisíveis, e a obrigação de viver a sexualidade como algo de livre (idem).



A sexualidade e as relações amorosas fazem então parte do processo de mudança social das últimas décadas, desempenhando um papel essencial “na configuração de novas orientações normativas que tendem a cristalizar-se em novas formas de vivência da sexualidade, do amor e do casamento (Pais, 1998). No entanto, as diversas mudanças ocorreram a ritmos desiguais, estando sujeitas a particularismos nacionais e tendências internacionais (idem). Nas sociedades onde as transformações ocorrerem em contextos com valores sexuais mais constrangedores, os indivíduos, e especialmente as mulheres, sentem as transformações em curso como dramáticas e perturbadoras (Giddens, 1996).

É assim que, ao nível da sexualidade, coexiste um “discurso moderno igualitário em relação às mulheres, regendo-se pelas lógicas intrínsecas em relação ao laço conjugal, com o tradicionalismo patente nas questões do controlo da sexualidade feminina”. Apesar de terem existido mudanças, “a sexualidade permanece numa espécie de zona cinzenta, de mistérios e sussurros, onde ainda se mantêm sinais da presença do chamado duplo padrão” (Torres, 2002: p. 111).

Acresce ainda que se a modernização das sociedades ocidentais é marcada pela “importância crescente do indivíduo” (Aboim, 2006: p. 42), tal não implica o fim dos constrangimentos sociais. As posições sociais que as pessoas ocupam, em certa medida, padronizam os respectivos relacionamentos (Costa, 2003 [1992]). “Os actores sociais têm incorporados nos seus quadros de valores e representações as próprias condições estruturais em que vivem” (Machado et al, 1989: p. 193). Os indivíduos têm, assim, distintas possibilidades de construção das suas trajectórias sexuais (Heilborn, 1999).

A par de mudanças profundas temos então algumas continuidades, com influência nas possibilidades dos indivíduos. A iniciação sexual é um momento onde podemos encontrar estas transformações e continuidades.

II. Iniciação sexual, género e amor

Actualmente, as mudanças que afectam os jovens^v - o prolongamento da educação, a dificuldade de acesso ao mercado de trabalho, a quantidade de oportunidades que a modernidade oferece (Pais, 1993; Ferreira, 1999; Saraceno, 1997; Kugelberg, 1998; Galland, 1996) transformam a passagem para a vida adulta, que deixa de ser linear (Kugelber, 1998; Guerreiro e Abrantes, 2004), num caminho que vai sendo construído, mas em que se pode voltar atrás; de modo que os jovens podem tomar papéis considerados como de adultos (casar ou arranjar um emprego), para de seguida regressar a papéis atribuídos à juventude, por exemplo divorciando-se e voltando a estudar (Ferreira, 1999). As transições para a vida adulta tornam-se então incertas, visto que permeadas por “tensões, dilemas e incógnitas”, na relação que os jovens fazem entre trabalho e família (Guerreiro e Abrantes, 2004: p. 12).

As gerações mais novas casam-se mais tarde do que as gerações mais velhas. Para a formação do casal tornam-se essenciais os sentimentos e o entendimento com o parceiro. São estes sentimentos e o tipo de relação que se tem com o parceiro que legitimam a união e/ou a dissolução do casal. Não são apenas os modos de vida em casal que se transformam, mas também os calendários de formação dos casais que são



progressivamente retardados (Galland, 1996). Frequentemente, os jovens empenhados nas suas trajectórias escolares e profissionais, tendo a possibilidade de uma vivência mais “liberta” da sua sexualidade e relações afectivas, tendem a adiar a entrada em conjugalidade, que em Portugal, em 2004, se situa em média, nos 28,6 anos para os homens e nos 27 anos para as mulheres (idade média de entrada no primeiro casamento) (INE, 2005).

O aparecimento da autonomia sexual precede o aparecimento da autonomia social. A juventude e a passagem para a vida adulta conheceram transformações profundas ao longo do século XX. A passagem da adolescência à idade adulta alongou-se e as etapas de transição dessincronizaram-se. A juventude constituiu-se por um duplo percurso: por um lado conduz o indivíduo da escola ao trabalho e, por outro lado, leva-o da família de origem (onde é a criança) à família de procriação (onde é o pai). Ambas as transições tenderam a alargar-se. No fim do século XX, o período que separa a primeira relação sexual de uma jovem e o seu primeiro filho passou a ser de 10 anos (sendo de 2 anos no século XIX) (Bozon, 2005 [2002]).

A sexualidade juvenil tornou-se um período próprio, socialmente aceite (Bozon, 2005 [2002]), fazendo parte das diversas transições pelas quais os jovens passam (Heilborn, 2006). Actualmente existe um período alargado entre a 1ª relação sexual e a entrada em conjugalidade, em que os jovens conhecem uma sexualidade activa, durante longos anos isenta de filhos e sem referência ao casamento, mesmo que estes pensem que um dia se possam vir a casar e a ter filhos (Bozon, 2005 [2002]). A sexualidade tornou-se “normalmente experimentada antes do casamento” (Pais, 1998: 414).

2.1 Os primeiros beijos....

Na sociedade contemporânea assiste-se a uma difusão dos beijos e das carícias, no contexto de um envolvimento afectivo informal e fora do casamento, pelos jovens pré-adolescentes. A invenção do flirt, ou seja, a troca afectiva acompanhada de beijos e de carícias com um parceiro que não um futuro conjugue, é recente. Embora, actualmente, o beijar seja algo de comum e uma prática de massas, estes comportamentos começaram a estabelecer-se, de forma progressiva, apenas na primeira metade do século XX, nos E.U.A. e na Europa (Lagrange, 1998).

Nos dias de hoje, o flirt tornou-se um componente das relações interpessoais dos jovens. As saídas passam a significar a partilha de momentos íntimos e a possibilidade de ter contactos físicos afectivos, mas sem que a prática do coito se imponha, necessariamente, nesse contexto. A troca de beijos com múltiplos parceiros testemunha o novo lugar das emoções carnavais na escolha do primeiro parceiro na relação sexual e, por consequência, do futuro marido (idem).

A transição sexual contemporânea é, assim, caracterizada por uma diminuição na idade ao primeiro beijo e um aumento da distância temporal que separa as carícias sexuais, com excepção das carícias sexuais relacionadas com os órgãos genitais, e as práticas genitais e coitais (idem). O carácter gradual da passagem para uma sexualidade genital é uma novidade contemporânea. Existe actualmente um modelo de exploração física e relacional por etapas: com o beijo, as carícias corporais e por fim a penetração genital; sendo que o processo se vai desenrolando ao longo de vários anos e cada vez menos com o mesmo parceiro (Bozon, 2005 [2002]).



O primeiro beijo, é normalmente um acto iniciador, a primeira experiência física relacional e sexualizada para a maior parte deles, sendo o confirmar de uma relação; pode acontecer sem que haja um investimento sentimental forte, visto que a maioria dos jovens dá o primeiro beijo por curiosidade (Lhomond, 1999).

A difusão dos beijos e das características na nossa sociedade encontra-se bem patente no discurso dos nossos jovens para quem o primeiro beijo, embora possa ser uma etapa iniciadora da experiência sexual física e relacional (Lhomond, 1999), é encarado com banalidade, não lhe sendo por isso atribuída muita importância (pelo menos para a maior parte dos entrevistados), especialmente quando comparado com a primeira relação sexual, pelo que é um momento, frequentemente, esquecido: “O meu primeiro beijo? Se queres que te diga, não me lembro. Ainda andava na primária, tinha uns 9 anos. Nessa idade é sempre basicamente dentro da escola, nunca é de fora” (H, 19 anos, impermeabilizador, 9º ano). O primeiro beijo acontece geralmente em contexto escolar, com um primeiro namorado ou com um colega de escola, sendo considerado, muitas vezes “coisas de garotos”: “Na escola, comecei... sei lá, o meu primeiro beijo foi quando? Ah, não sei, não faço a mínima ideia, mesmo. Mas é capaz de ter sido na primária. Aquelas coisitas de garotos, não é?, de crianças, olha. ” (M, 22 anos, proprietária de loja, 12º ano incompleto, com namorado).

2.2 CURTES, NAMORICOS E NAMOROS A SÉRIO

A primeira experiência amorosa é uma altura de descoberta do outro, do seu corpo, da sua maneira de ser, de pensar e de reagir, uma descoberta essencial na construção da identidade social e sexual de cada um, que difere tradicionalmente entre sexos e em contextos culturais e sociais diferentes (Heilborn e Bozon, 1996).

Se os primeiros beijos são algo que, actualmente, faz parte da iniciação sexual dos jovens de uma forma tão clara, mesmo banalizada, as curtes são comportamentos que, estando actualmente bastante difundidos, são menos consensuais.

Para o Brasil, Heilborn e Bozon (1996) referem o aparecimento do que consideram ser uma nova forma de relação – o “ficar”, durante os anos 80, em que após o conhecimento feito geralmente num lugar público (festa, boite, serão), a insinuação dos indivíduos pode dar lugar a um contacto corporal imediato – beijos e carícias, sem que implique o compromisso entre os indivíduos; esta é uma forma de relação que contrasta com o namoro.

As curtes fazem então parte das primeiras experiências sexuais, estando bem incorporadas no conhecimento dos nossos jovens e no comportamento de uma boa parte deles, embora nem todos as pratiquem ou concordem com elas. As curtes são o “andar só por andar”; são consideradas típicas da adolescência, temporárias, geralmente por um curto período de tempo: um beijo, uns dias, algumas semanas. Não têm início nem fim e expressam um desejo de não assumir um sentimento verdadeiro, são por isso uma espécie de namoro muito liberal. Podem ser associadas à escola e, ao contrário do namoro a sério, não implicam respeito. São também pensadas como uma atracção de uma noite por um rapaz, incidindo apenas no aspecto físico e não no conhecer a outra pessoa “psicologicamente”. Estão assim



associadas a um relacionamento apenas físico e aos tempos de lazer – o passar o tempo. A curte pode ainda ser relacionada com a existência de uma relação sexual coital, contudo tende a ser mais associada, especialmente pelas raparigas, às carícias e aos beijos, sem que haja um relacionamento afectivo forte ou um compromisso que estável.

“Queres saber o que são curtes? Opá, são aqueles...assim mais para a adolescência, assim um beijito a um rapaz e, e outro beijito a seguir e pronto e tchau e até à amanhã e amanhã já não há nada, é só uns beijitos na cara “olá, está tudo bem” e pronto. São isto as curtes (ri)” (Marta, 18 anos, filho de 1 ano, empregada de balcão, Ourém).

Para as jovens que nunca curtiram, as curtes podem estar associadas a aspectos negativos. O facto de não se conhecer o parceiro, de não haver sentimentos, o considerar que é algo que não se deve fazer leva algumas jovens a referirem que nunca eram capazes de o fazer, embora possam respeitar as pessoas que o fazem, visto precisarem conhecer e/ou ter algum sentimento pelo parceiro: “Não sou de curtes, porque acho muito superficial, sem importância. Não valorizo, por isso nunca tive nada assim de uma coisa de um dia, de uma noite, de nada” (M, 24 anos, estagiária de serviço social, licenciatura, com namorado).

Na sua maioria, os jovens dizem ter tido mais do que um(a) namorado(a). Contudo, tanto eles como elas fazem uma distinção entre namoricos (namoros de criança/de brincar) e namoros a sério. Os primeiros são namoros que ocorrem quando as jovens são crianças ou no início da adolescência, que tendem a acontecer na escola e que envolvem apenas beijinhos. São namoros de criancinhas, para passar o tempo e por isso sentidos como muito diferentes dos namoros a sério.

“Aqueles da infância, aqueles que são só para dar uma beijoca e pronto (ri), coisas do género. Que é só mesmo para, para passar o tempo (fala a rir), por assim dizer, só mesmo para passar o tempo. Os namoros a brincar são aqueles que duram no máximo um mês. Os, os namoros a brincar é mais para passar o tempo na escola. [...] Mas nos namoros a brincar não, não há relações sexuais (ri-se). Mas o namoro a brincar é aqueles, é aqueles da adolescência, aqueles de, de brincar, de passar tempo. É, é a única coisa que consigo chamar é passar tempo.” (Marta, 18 anos, filho de 1 ano, empregada de balcão, Ourém)

Nos namoros a sério existe um grande investimento afectivo por parte das jovens. Os/as namorados(as) a sério são pessoas a quem se dá mais, de quem se gosta mais, que se querem conhecer melhor. Estão relacionados com os sentimentos e com o desejo das pessoas estarem juntas. Uma das características principais deste namoro a sério é a relação sexual. O primeiro namoro a sério é também o momento em que se tem a primeira relação sexual coital. Sendo um namoro que já exige algum tipo de compromisso, em que se tem sentimentos afectivos pelo parceiro, reúnem-se as condições consideradas como apropriadas para ter a primeira relação sexual, depois é esta que vai reforçar o valor do primeiro namoro a sério. Estamos assim perante uma dialéctica em que um compromisso considerado “mais sério” leva à primeira relação, que por sua vez torna esse mesmo compromisso ainda mais memorável e importante (Marques, 2006).

“Nos namoros a sério uma pessoa dá mais, uma pessoa gosta mais da pessoa com quem tá a namorar, quer conhecê-la muito melhor, quer tar mais tempo com ela. Num namoro a sério é a nível de sentimentos. O namoro mais sério, mais sério é, é de, é saírem os dois, é surpreenderem-se um ao



outro, é, é a tal coisa, é ter as relações sexuais.” (Marta, 18 anos, filho de 1 ano, empregada de balcão, 9º ano, coabita, Ourém)

O namoro, sendo uma relação de exclusividade entre dois parceiros que se intitulam namorados, tende, então, a permanecer, para as gerações mais novas, como “o quadro esperado das relações exclusivas entre pessoas apaixonadas, sob o controle da rede social” (Heilborn et al., 2006: p. 2). É assim que, actualmente, existe um ideal de primeira relação, que inscreve a iniciação sexual no quadro de uma relação (Bozon, 2004); onde existem a confiança e a cumplicidade, que dão às raparigas a garantia de ter um parceiro delicado (Le Gall, 2004).

2.3 A primeira relação sexual

A primeira relação sexual é um momento de grande importância devido aos quadros normativos e sistemas de representação, guiões culturais, disposições institucionais e constrangimentos legais que, juntamente com a prática dos corpos e o investimento sentimental, dão um significado pleno a este acontecimento (Gagnon et Simon, 1973; Bozon, 1993, in Bozon et Kontula, 1997). A primeira relação sexual faz parte daqueles acontecimentos que ficam marcados na memória dos indivíduos; é uma etapa simbólica que marca os primeiros passos na sexualidade adulta (Bozon, 1993). Sendo assim a primeira relação sexual não é uma passagem biológica imutável, mas um fenómeno inscrito num contexto geracional, social e fisiológico, condicionado pela pertença de género. A primeira relação sexual faz parte da história pessoal de cada pessoa, mas remete também para as pertenças sociais e históricas dos indivíduos (idem).

“Isso só se está com uma pessoa com quem se quer estar. Se acha mesmo que deve ser, se gosta mesmo. Tu nunca esqueces a tua primeira vez, nunca esqueces o teu primeiro namorado, não é? [...] A primeira relação nunca se esquece, agora as outras... olha, vão passando! Mas a primeira é aquela que é mais marcada” (H, 19 anos, impermeabilizador, 9º ano)

Ao longo de todo o século XX, a idade à primeira relação diminui para homens e para mulheres, embora para os primeiros de forma mais moderada e para as segundas de forma mais abrupta (Bozon, 1993). Cada vez mais, para as mulheres, a primeira relação sexual vai deixando de coincidir com o casamento. As idades de homens e mulheres à primeira relação sexual aproximam-se, embora se mantenham algumas diferenças. Segundo o inquérito aos “Comportamentos Sexuais e a infecção HIV/Sida em Portugal”^{vi}, a idade à primeira relação sexual tende a ser os 17 anos para os homens e os 19 para as mulheres. Olhando apenas para os indivíduos com menos de 35 anos, verifica-se que homens e mulheres têm mais a sua primeira relação sexual entre os 17 e os 18 anos, contudo os homens iniciam-se, de seguida, mais frequentemente entre os 15 e os 16 anos, enquanto que as mulheres o fazem entre os 19 e os 20 anos. O inquérito aos comportamentos sexuais dos franceses mostra que para as gerações mais jovens a idade à primeira relação sexual é de 17 anos para os homens e de 18 para as mulheres (Bozon, 2008).

As primeiras relações sexuais tornaram-se numa fase autónoma e precoce da sexualidade, sem uma relação imediata com a instalação do casal ou mesmo com a coabitação. Contudo, embora as mulheres tenham vindo a alargar o seu período de liberdade pré-conjugal, os homens têm um número mais elevado de anos de liberdade pré-conjugal do que estas. O calendário de entrada na sexualidade é acima de tudo



marcado pela pertença de género. Esta pertença conduz homens e mulheres a incorporar diferentes representações deles próprios e expectativas diferentes para a primeira relação sexual e para um primeiro parceiro. Os homens valorizam mais o aspecto da iniciação e da experiência individual e as mulheres valorizam mais a entrada numa relação. Para os homens a primeira relação sexual^{vii} constitui “uma etapa normal da aprendizagem sexual e da construção de si, semelhante a outras aprendizagens da adolescência e não necessariamente ligada a um investimento pessoal” (Bozon, 1993: p. 1330).

“Tinha os meus 17 anos, 16, 17 anos. Foi com uma colega que era da minha turma. Quando é a primeira vez uma pessoa fica assim um bocado nervosa, mas é normal”. [Ela] Já não era virgem. Ela própria me garantiu que já tinha feito relações sexuais com o ex-namorado dela também. [...] “O que é que me levou a ter [a primeira relação sexual]? A inexperiência.” (H, 23 anos, mecânico, 9º ano)

Esta primeira relação sexual é muitas vezes contada aos amigos, que funcionam como “uma espécie de júri que avaliam a escolha dos adolescentes” (idem: p. 1331). No caso das mulheres, a primeira relação sexual, mais tardia do que para os rapazes, “é fruto de uma decisão reflectida”, implicando “o desejo de uma relação verdadeira e durável, e também um relacionamento amoroso: um laço é estabelecido, desde o início, entre sentimento, casal e sexualidade” (idem: p. 1330). Mesmo sendo, actualmente, mais raro que o primeiro parceiro sexual seja o futuro cônjuge^{viii}, este não deixa de “prefigurar um potencial parceiro” (idem).

“A nível sexual perdi a virgindade aos 18 anos. 17, 18? Pronto, 17 ou 18, comecei um bocadinho por aí. Com o meu namorado, que é actualmente o meu namorado. [...] Passou muito tempo, tinha que sentir confiança e que realmente era isso que eu queria e sentir-me segura na relação. Saber que ele não tinha mais ninguém, senão... Pronto, foi um bocadinho por aí, a segurança, e ver como é que ele era, e reacções e as atitudes.” (M, 22 anos, proprietária de loja, 12º incompleto, com namorado)

Estas diferentes representações levaram à existência de assimetrias no calendário de iniciação entre sexos nas gerações anteriores, que embora, actualmente, sejam bastante mais reduzidas, ainda não desapareceram (Bozon, 1993).

Contudo será necessária alguma precaução quando se associa o sentimento amoroso à iniciação sexual feminina e a experimentação à iniciação sexual masculina. Não poderão os resultados dos diversos estudos acima mencionados ser fruto de um discurso, que mais que corresponderem a práticas reais, remetem para estereótipos, novamente, reproduzidos? Não existirá um maior desejo de experimentação aquando da iniciação sexual das raparigas? E um maior desejo de envolvimento amoroso aquando da iniciação sexual masculina? Como poderão estas expectativas, relativas à primeira relação sexual dos jovens, estar relacionadas com a sua posição social? Estas são questões sobre as quais devemos reflectir de forma mais aprofundada.

Ora, a maioria dos jovens em Portugal defende que as relações sexuais só têm sentido se existir amor (Vasconcelos, 1997). Segundo Pais, “o imperativo mais reclamado para se poder ter relações sexuais é o do amor” (Pais, 1998: p. 433).

“Acho que a primeira vez tem que ser com alguém de quem eu realmente goste, não é? Pelo menos é o que eu penso. Não é com qualquer uma. [...] Tem que ser uma rapariga que eu conheça, por exemplo. Que eu



veja minimamente que ela até gosta de mim, por exemplo, não é? Algo de especial. Pelo menos é o que eu penso” (H, 23 anos, rectificador, 12º ano, sem namorada, concelho de Leiria)

O amor é, hoje em dia, a justificação que legitima e deve orientar as relações, não só sexuais, mas entre parceiros, no sentido da conjugalidade. Num mundo actual, o amor torna-se “na melhor ideologia contra os aspectos negativos da individualização” (Beck e Beck-Gernsheim, 1995: p. 181). A maior parte dos jovens, mesmo rejeitando o casamento e a família como modelos de vida, procuram compromissos individuais; um companheirismo estável continua a ser tido como ideal e como objectivo.

Rapazes e raparigas parecem querer fazer coincidir experiência amorosa e experiência sexual (Le Gall, 2004). O amor surge como “um ingrediente necessário na entrada da sexualidade adulta” (idem: p. 67). A primeira relação sexual dá-se então “numa história de amor”, quando os jovens se sentem preparados (idem).

“Ele foi mesmo o primeiro namorado dizendo bem, a primeira pessoa com quem eu tive relações, a primeira pessoa que eu me despi e não tinha vergonha, a primeira pessoa com que eu compartilhava mesmo tudo. Eu antes de ter relações com ele, eu tive que pôr estas coisas todas em prática: conhecê-lo bem e sentir-me à vontade com ele, só depois quando me senti preparada é que realmente o fiz [...]. Nunca me esqueci da data e, e acho que pronto é uma sensação única que só temos uma vez na vida, que é mesmo assim.” (Nádia, 16 anos, filha com 8 meses, doméstica, 9º ano, coabita, Nazaré)

Entre alguns dos jovens entrevistados a “entrega de uma pessoa a outra através do acto sexual é considerada como uma prova de amor” (Marques, 2006: p. 226). A profunda relação que amor e sexualidade têm para grande parte das nossas jovens traduz-se na expressão “fazer amor”.

“Para mim é, para mim é uma prova, para já é uma prova de amor. Que eu, acho que eu nunca faria, ah, nunca teria relações sexuais com alguém que eu não gostasse muito, que eu não amasse de verdade.” (Mariana, 19 anos, filha de 1 ano, empregada de balcão, 10º ano incompleto, coabita, Marinha Grande)

É o facto de gostarem do seu parceiro que leva a maior parte dos jovens a ter a sua primeira relação sexual. Mas esta primeira relação pode ser originada por um desejo de experimentar ou pela forte atracção (pelo desejo) que se sente pelo outro.

“Era o desejo, a necessidade de..., era o fogo, era a paixão, era uma atracção, que ainda hoje ficou cá incontrolada. [...] O que me levou foi mesmo aquela atracção. Não sei se é amor, é paixão.” (M, 24 anos, estagiária de serviço social, licenciada, com namorado, Leiria)

Apesar da relação existente entre amor e sexualidade, começam a aparecer alguns indícios que a colocam em causa. É assim que um inquérito qualitativo, sobre a vida sexual dos franceses, parece indicar algumas mudanças, no sentido de uma maior possibilidade das mulheres não sentirem necessidade de estarem apaixonadas para terem uma relação sexual, podendo ceder a um desejo passageiro, que não se inscreva numa história ou se projecte no futuro (Mossuz-lavou, 2002).



2.4 Masturbação: a só ou a dois?

Na Europa, até meados do século XVIII, a Igreja e o estado impuseram os seus direitos sobre o corpo e a sexualidade, condenando o erotismo e defendendo uma concepção conjugal e procriativa das relações sexuais. Aos olhos das autoridades religiosas e civis existiam dois comportamentos sexuais: um aceitável (conjugal e praticado em função da procriação) e outro repreensível (motivado pela paixão e pelo prazer sexual), que leva a resultados ilegítimos. A paixão era condenada fora do casamento e dentro do matrimónio porque ameaçava a ideia controlada e contratual da afectividade conjugal, a saúde dos filhos e a capacidade do casal amar a Deus. A escala de crimes era definida em termos de infracções cometidas contra as justificações básicas (o dever de procriar, a conformidade com as leis naturais e um conceito sacramental de casamento) para as relações sexuais permitidas. Estas infracções abrangiam: as relações sexuais entre indivíduos não casados que não tivessem pronunciado votos de castidade, o adultério, os comportamentos sexuais que impediam a reprodução, como a masturbação (Grieco, 1991).

Actualmente, a masturbação, é uma componente importante do reportório sexual, e embora este seja cada vez mais aceite, parece manter-se um certo sentimento de culpabilização e de pudor em relação a este, especialmente para as mulheres (Jaspard, 2005 [1997]).

Ora, o inquérito ao comportamento sexual dos franceses, dá-nos conta que 90% dos homens já praticou a masturbação contra 60% das mulheres. No entanto, e relativamente ao inquérito realizado na década de 90 do século XX, o número de mulheres que dizem alguma vez terem praticado a masturbação aumentou, o que pode significar que se tornou socialmente mais legítimo, as mulheres realizarem determinadas práticas que anteriormente eram do domínio masculino. Segundo o mesmo inquérito, enquanto esta é uma prática com a qual as mulheres tendem a ter contacto apenas no início da idade adulta (aos 18 anos), para os homens a masturbação pode ser um primeiro contacto com a sexualidade (Bozon, 2008).

Entre os jovens entrevistados a masturbação parece ser cada vez mais aceite, embora ainda exista alguma dificuldade em discutir o assunto, especialmente entre algumas raparigas. Na maior parte dos casos, tanto eles como elas referiram que já tinham praticado a masturbação.

Do discurso dos nossos entrevistados depreende-se, no entanto, que esta prática pode ser valorizada por motivos diferentes, que podem ou não ser complementares. Assim se para alguns jovens a masturbação faz sentido enquanto prazer pessoal, algo que se faz só, para outros esta prática apenas ganha sentido enquanto algo realizado a dois. Neste sentido, a masturbação para além de ser considerada como algo que aumenta o prazer, é percebida como algo que se dá ao companheiro, numa troca a dois, que estreita a relação, tal como acontece para a relação sexual penetrativa. Neste caso, é frequente, os jovens dizerem que não sentem tanto prazer a masturbarem-se sós, como se o fizerem com um(a) companheiro(a).

“Bem, é diferente, não é?, estarmos a fazer normalmente nós sozinhos, a nós próprios, do que tar com companhia, com uma pessoa ao lado. É totalmente diferente. Porquê? Porque se tivermos uma colega ou namorada ao lado, por exemplo a namorada, aí sabemos que é mais fácil. Agora tarmos sozinhos, opá, não dá assim tanto prazer do que se fosse com ela, não é? (H, 23 anos, mecânico, 9º ano).



2.5 A manutenção discursiva do duplo padrão sexual

Como temos vindo a referir, desde a década de 60, do século XX, têm ocorrido mudanças no domínio da sexualidade, que vão no sentido de uma menor diferença entre comportamentos masculinos e femininos, de uma maior “permissão” para a procura do sexo pelo prazer, do aumento do número de parceiros e das práticas sexuais, etc. (Weeks, 1998; Bozon, 1998; 2005 [2002]; Kimmell, 2000; Jaspard, 2005 [1997]).

A sexualidade feminina exprime-se de forma mais exigente e activa no quadro de relações estabelecidas, existindo um crescimento da margem de manobra das mulheres e um alongamento da sua vida sexual. Contudo, permanecem ainda diferentes possibilidades de vivência da sexualidade para rapazes e para raparigas. Uma jovem que conheça, ao longo da sua vida sexual, múltiplas experiências “conhece fortes sanções de reputação” (Bozon, 2004: p. 21), o que não acontece no caso dos jovens que se encontram na mesma situação.

As reputações sociais são regularizadoras do comportamento, do conhecimento e das expectativas, na medida em que são constituídas por normas do que deve ser o feminino e o masculino (Holland, 1996). Ao caminhar para a sexualidade adulta as mulheres estão sobre pressão para guardar a sua reputação e os homens para mostrar a sua. Os efeitos da reputação sexual são assim experienciados de forma diferente por rapazes e por raparigas. Para os mesmos desejos, atitudes e comportamentos sexuais, homens e mulheres ganham reputações sexuais diferentes.

Em Portugal, no domínio das relações sexuais pré-conjugais, as práticas desenvolvem-se sob a forma de subentendidos - não-ditos, e o tabu da sexualidade permanece, mais do que seria de esperar à partida (Torres, 1997). Ainda hoje existem jovens raparigas para quem a entrada na conjugalidade é uma forma de se libertarem de constrangimentos - os “controles”, relacionados, sobretudo, com a possibilidade de vivência de relações amorosas e da sexualidade, impostos pelo(s) pai(s), tal como acontecia para mulheres de outras gerações (Torres, 2002).

Embora os homens aceitem cada vez mais que as suas parceiras não sejam virgens, existe ainda alguma recusa da parte destes (mais do que por parte das mulheres) em terem como futura parceira conjugal uma mulher que tenha tido relações sexuais com muitas outras pessoas; sendo que quanto maior é a escolaridade ou estatuto social, maior é a maior aceitação de um parceiro que tenha tido relações sexuais com muitas outras pessoas (Vasconcelos, 1997).

No domínio da sexualidade parecem coexistir várias moralidades em confronto. Se “as mulheres sexualmente muito “vivas”” merecem “um olhar de desconfiança e reprovação por parte da sociedade “respeitável””, os homens têm uma maior permissividade, antes e depois do casamento (idem). Assim, permanece na sociedade portuguesa um modelo de “padrão-duplo”, que implica uma maior permissividade aos homens e uma abstinência relativa para as mulheres, embora a possibilidade destas terem relações sexuais antes de uma entrada em conjugalidade seja menos dramatizada (Pais, 1998). Este duplo padrão implica ainda que se tende “a reprovar o que é entendido como uma promiscuidade feminina e a aceitar igual comportamento quando protagonizado por homens (comportamento aliás que vai ao encontro das



exigências de virilidade advindas do modelo dominante da masculinidade fálica)” (Vasconcelos, 1997: p. 234).

O discurso dos nossos entrevistados aponta para a permanência da existência deste duplo padrão sexual, mesmo que atenuado. Para as raparigas ter “muitos” parceiros sexuais significa serem condenadas – serem quengas, enquanto que para os rapazes esta situação não parece ter uma reprovação moral. Contudo, é, frequente, os jovens referirem que a sociedade em geral faz este tipo de distinções, mas eles acham que não deve haver diferenças entre ambos, geralmente no sentido de uma maior aproximação ao comportamento ideal feminino (ou seja, menos relações esporádicas, e relações com uma maior carga emocional).

“Andam com um e com o outro, o que é isso? Não só a nível de doenças e etc., e isto e aquilo, são raparigas que deixa andar. No meu ponto de vista, não são raparigas para mim. [...] Porque é assim, isto está dividido por dois coisos, por exemplo uma rapariga... agora se calhar estou a ser um bocadinho machista, que é mesmo assim. Uma rapariga quando anda com muitos gajos é uma quenga, um gajo quando anda com muitas raparigas tem a fama de mulherengo, estás a entender? Nem eu percebo porque é isso. Do que é que adianta estar aí sempre a trocar de gaja? Não adianta de nada. Para isso vai-se a uma casa de putas ou isto ou aquilo, não é?” (H, 19 anos, impermeabilizador, 9º ano)

2.6 A importância da sexualidade

A sexualidade é então um produto social e histórico, que responde a condicionamentos sociais (Osborn e Guasch, 2003). Por seu turno o sexo é uma actividade social que possui normas de comportamento; são-lhes prescritos: espaços, tempos, acções, modos, condutas. As condutas sexuais são condutas sociais com obrigações e proibições, normas e regras que resultam de confrontações e pactos entre grupos com diferentes opiniões e graus de poder para redefinir os espaços destinados ao sexo. Deste modo a sexualidade é plural, dinâmica e mutável (idem).

Se até recentemente as nossas vidas sexuais eram remetidas para o silêncio, nos dias de hoje há um incentivo cada vez maior a falar-se das nossas sexualidades: contar as histórias sexuais; contar sobre o comportamento sexual, a identidade sexual, os sonhos, os desejos, o sofrimento, as fantasias; momentos diferentes que dão origem a histórias diferentes (p. ex. histórias de puberdade, de casamento, de assumir-se) (Plummer, 1995).

Actualmente, a existência de uma maior individualização e auto-reflexividade, de uma democratização da pessoa, de uma maior mediatização e globalização da vida pessoal pode levar àquilo que Plummer (2003) intitula de uma pós-modernização das intimidades. Esta é expressa, por exemplo, no facto da questão da decisão de individual ser algo que, hoje em dia, muitos de nós tem como adquirido (podemos escolher com quem queremos casar ou quando nos queremos divorciar; o tipo de relação que vamos iniciar, seja heterossexual, homossexual, bissexual; quando podemos ter filhos; o tipo de corpo que desejamos ter; etc...), passando a existir “todo um mundo de opções para o indivíduo” (Plummer, 2003: p. 28).



No mesmo sentido, Giddens fala-nos na existência de uma sexualidade plástica, entendida como sexualidade liberta das necessidades da reprodução, originada nas tendências iniciadas no século XVIII para limitar a dimensão da família, e desenvolvida com o resultado da divulgação da contracepção moderna e das tecnologias reprodutivas. Neste sentido, a sexualidade pode ser moldada como característica da personalidade, estando, portanto, intrinsecamente ligada ao self, e liberta da dominância sexual masculina (Giddens, 1996).

Contudo, a sexualidade não tem também o mesmo grau de importância para todas as pessoas, variando consoante os processos sociais originados "... no valor que a sexualidade ocupa em determinados nichos sociais e nos roteiros específicos de socialização com que as pessoas se deparam." (Heilborn, 1999: p. 40).

A sexualidade faz então parte das trajetórias dos nossos jovens, sendo algo a que eles atribuem alguma importância. No entanto, nem todas as práticas têm a mesma relevância. Assim, se os primeiros beijos são algo banalizado, algo que, por vezes, já nem se lembra, as curtes estão generalizadas, embora nem sempre valorizadas, a primeira relação tende a ser já um momento bastante significativo.

Mas quando perguntamos aos jovens qual o significado e a importância da sexualidade para eles fica bastante claro que há uma identificação do conceito de sexualidade com as relações sexuais penetrativas. Deste modo, é a estes que os jovens se referem quando dizem que a sexualidade é algo de bom, algo que lhes dá prazer, que lhes alivia o stress; que é algo a que chamam fazer amor, devido ao sentimento que está envolvido. É neste último sentido que a relação sexual assume uma importância primordial, ou seja enquanto algo que se faz na relação a dois e que a vem fortalecer.

"Neste momento, para mim é bom, gosto, faço com gosto na pessoa com quem eu estou. Faço com amor, é uma sensação diferente de fazer com medo ou com receio de se está a fazer bem se não está, faço-o à vontade, porque eu sei que se estiver a magoar ou qualquer coisa, que ele me avisa, não fica aborrecido, nada, então... e é uma coisa boa, não sei explicar. Acontece, uma pessoa fica excitada e pronto, é bom." (M, 20 anos, empregada de balcão, 11º incompleto, coabita)

Ideias finais

A sexualidade aparece, então, para os jovens, quer nos seus períodos de experimentação (como o beijar), na iniciação sexual, no investimento afectivo feito, na escolha de parceiros, e nos espaços de sociabilidade que os permitem, como assimétrica. Rapazes e raparigas não a experimentam da mesma maneira, têm diferentes espaços de manobra e diferentes pressões morais que recaem sobre eles.

Contudo, a persistência deste duplo padrão pode existir mais no modo como nós pensamos do que naquilo que fazemos realmente (Kimmel, 2000). Neste sentido, vários estudos apontam para que as diferenças de género sejam menores do que geralmente é referido (Kimmel, 2000; Connell, 2002; Plummer, 2005). O resultado de várias décadas de pesquisa sobre as diferenças de género diz-nos que homens e mulheres são um grupo psicologicamente muito semelhante (Connell, 2002), de modo que as diferenças existentes



entre mulheres e homens não serão tão grandes como as diferenças que existem entre homens e entre mulheres (Kimmel, 2000).

Os discursos dos nossos entrevistados mostram que embora este duplo padrão permaneça nas representações dos jovens, os seus comportamentos podem ser aproximados. Assim, podem existir raparigas que falam sem dificuldade da masturbação, que aceitam as curtes e que procuram o prazer na sexualidade, como há rapazes que falam em masturbação no contexto de uma relação a dois ou que valorizam os sentimentos como motivo para terem a sua primeira relação sexual.

Ora se a quase totalidade dos jovens entrevistados teve já uma relação sexual com penetração, nota-se, no entanto, que esta é uma prática que tende a não ser banalizada. Para a maioria dos jovens, a primeira relação é um momento significativo. Esta deve ser tida no contexto de um namoro, com uma pessoa que se goste, em que se confie, o que assegura às jovens que estas não vão ser enganadas, não pondo assim a sua reputação em risco (Holland et al, 2004 [1998]). Para os rapazes, esta primeira relação, se bem sucedida, leva os jovens a ascender a um estatuto de homens (idem).

Para os nossos jovens sexualidade tende a estar intimamente relacionada com o amor (ou pelo menos o gostar), especialmente aquando da primeira relação sexual. Outras práticas, como os primeiros beijos ou as curtes, são frequentemente banalizadas e dissociadas do sentimento amoroso, podendo por isso mesmo ser desvalorizadas, sendo mais pensadas em termos de experimentação e de ocupação dos tempos de lazer. Para um menor número de jovens, as relações sexuais penetrativas, sobretudo, após aquela primeira que não se esquece, deixam de ter tanta importância, sendo apenas uma prática que se realiza quando se quer, desde que os parceiros estejam de acordo.

A sexualidade, frequentemente confundida pelos nossos entrevistados com as relações sexuais penetrativas, tende a assumir um carácter sobretudo relacional. Ou seja, como algo que é importante na relação a dois, que a estreita e a torna mais intensa; não deixando, contudo de ser mencionado, tanto por elas como por eles, o prazer associado a esta dimensão da vida.

BIBLIOGRAFIA

ABOIM, Sofia (2006), *Conjugalidades em mudança: percursos e dinâmicas da vida a dois*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais

BECK, Ulrich and Elizabeth Beck-Gernsheim (1995) *The normal Chaos of Love*, Cambridge, Polity press

BOZON, Michel (1993) « L'Entrée dans la sexualité adulte : le premier rapport et des suites, du calendrier aux attitudes » in *Population*, 5, pp. 1317-1352

BOZON, Michel; Heilborn, Maria (1996) « Les caresses et les mots: Initiations amoureuses à Rio de Janeiro et à Paris » in *Terrain* 27, pp. 37-58



BOZON et Kontula (1997) « Inicitation sexuelle et genre: comparaison de evolutions de douze pays européens » in Population 6, pp. 1367-1400

BOZON, Michel (1998) « La sexualité a-t-elle changé ? Regards sur l'activité sexuelle et sur ses significations à l'ère du sida » in Bajos, Nathalie; Bozon, Michel; Ferrand, Alexis; Giami, Alain; Spira, Alfred (dir.) La sexualité aux temps du sida, Paris, PUF

BOZON, Michel (2004) « La nouvelle normativité des conduites sexuelles ou la difficulté de mettre en cohérence les expériences intimes » in Marquet, Jacques (dir) Normes et conduites sexuelles. Approches sociologiques et ouvertures pluridisciplinaires, Louvain-la-Neuve, Academia Bruylant

BOZON, Michel (2005 [2002]) Sociologie de la Sexualité, Armand Colin

BOZON, Michel (2008) « Premier rapport sexuel, première relation : des passages attendus », in BAJOS, Nathalie et Michel Bozon (coord.) (2008) Enquête sur la sexualité en France. Pratiques, Genre et Santé, Paris, La Découverte, pp. 117 - 147

BOZON, Michel (2008) « Pratiques et rencontres sexuelles : un répertoire qui s'élargit », in BAJOS, Nathalie et Michel Bozon (coord.) (2008) Enquête sur la sexualité en France. Pratiques, Genre et Santé, Paris, La Découverte, pp. 1273 - 295

CONNELL, R.W. (2005 [2002]) Gender, Cambridge, Polity Press

COSTA, António Firmino (2003 [1992]) Sociologia, Coimbra, Quimera

FERREIRA, Victor (1999) "Família" in Figueiredo, Silva e Ferreira Jovens e Portugal – Análise longitudinal de fontes estatísticas de 1960 a 1997, Celta Editora, Oeiras, pp. 51-96

GALLAND, O. (1996) Les jeunes, Paris, Éditions la découverte

GRIECO, Sara (1991) "O Corpo, a aparência e a sexualidade", Duby et Perroit (org.) História das mulheres: do renascimento à idade moderna, Ed. Afrontamento, pp. 71 - 117

GUERREIRO, Maria das Dores ; Abrantes, Pedro (2004) Transições Incertas. Os jovens perante o trabalho e a família, Lisboa, CITE

GIDDENS, Anthony (1991) Modernity and self-identity: self and society in the late modern age, Oxford, Polity Press



GIDDENS, Anthony (1996) *Transformação da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*, Celta Editora, Oeiras

HEILBORN, M. (1999) “Construção de si, género e sexualidade” in (org.) Heilborn *Sexualidade*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor

HEILBORN, Maria Luiza; Crabral, Cristiane; Bozon, Michel e Grupo Gravad (2006) *Género e carreiras sexuais e reprodutivas de jovens brasileiros*, (s/referência)^x

HOLLAND, Janet et all (1996) “Reputations: journeying into gendered power relations”, in Weeks e Holland (ed.) *Communities, values and intimacy*, British Sociological Association, MacMillan Press Ltd, London

HOLLAND, Janet; Ramazanoglu, Caroline; Sharpe, Sue; Thomson, Rachel (2004 [1998]) *The Male in the Head: young people, heterosexuality and power*, London, Tyfnellpress

INE (2005) *Indicadores sociais, 2004*

JASPARD, Maryse (2005 [1997]) *Sociologie des comportements sexuels*, Paris, La Découverte

KIMMEL, Michael (2000) *The gendered Society*, Oxford, University press

KIMMEL, Michael; Hearn, Jeff; Connell, R. W. (2005) *Handbook of Studies on Men & Masculinities*, Thousand Oaks, London, New Delhi, Sage Publications

KUGELBERG, C. (1998) “Imagens culturais dos jovens suecos acerca do início da vida adulta”, in *Sociologia – Problemas e práticas*, nº 27, pp. 41-57

LE GALL, Didier (2004) «La première fois» in Marquet, Jacques (dir) *Normes et conduites sexuelles. Approches sociologiques et ouvertures pluridisciplinaires*, Louvain-la-Neuve, Academia Bruylant

MACHADO, Fernando, Costa; A. F., Almeida, J. F., (1989) “Identidades e Orientações dos estudantes – classes, convergências e especificidades”, *Revista crítica das ciências sociais*, n. 27/28

MARQUES, Ana (2006) *Do primeiro beijo ao primeiro filho. Um roteiro sexual para uma maternidade na adolescência*, Tese de Mestrado, ISCTE

PAIS, José Pais (1993) *Culturas juvenis*, Lisboa, Imprensa Nacional da casa da Moeda



PAIS, José Machado (1998), “Vida amorosa e sexual” in Machado Pais (coord.), *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea*, Lisboa; ICS, pp. 407-465

PLUMMER, Ken (2003) “La cuadratura de la ciudadanía íntima. Algunas propuestas preliminares” in Osborn e Guasch (coord.) *Sociología de la sexualidad*, Madrid, Centro de investigaciones sociológicas

PLUMMER, Ken (1995) *Telling sexual stories: power, change and social words*, London and New York, Routledge

SINGLY, François, (1996) *Le soi, le couple e la famille*, Paris, Essais & Recherches – Nathan

TORRES, Anália (1996) *Divórcio em Portugal*, Oeiras, Celta Editora

TORRES, Anália (1997) “Casar? Porque não? – Práticas e perspectivas de jovens portugueses sobre o casamento e a família”, in Pais e Chisholm (coord.) *Jovens em mudança – Actas do congresso internacional Growing up between centre and periphery*, ICS, Lisboa, pp. 201-221

TORRES, Anália, (2002) *O casamento em Portugal: Uma análise sociológica*, Oeiras, Celta editora

VASCONCELOS, Pedro (1997) “Práticas e discursos da conjugalidade e de sexualidade dos jovens Portugueses”, coord. Manuel Villaverde Cabral e José Machado Pais in *Jovens Portugueses de hoje*, Oeiras, Celta, pp. 215 – 305

WEEKS, Jeffrey (1998) “The sexual citizen” in Mike Featherstone (ed.) *Theory, Culture & Society: Love and Eroticism*, N.º 3-4, Sage Publications

ⁱ As jovens então entrevistadas foram mães até aos 18 anos (inclusive), estando grávidas ou tendo um filho até aos 3 anos, no momento da entrevista. As entrevistas ocorreram entre Fevereiro de 2004 e Fevereiro de 2005 (sendo que para a maioria das jovens efectuou-se a mais do que uma entrevista), tendo sido realizadas no âmbito do projecto de mestrado em “Família e Sociedade”.

ⁱⁱ Estas entrevistas foram realizadas entre os meses de Março e Maio de 2008, constituindo uma primeira abordagem às trajectórias sexuais dos jovens, tema a desenvolver na pesquisa de doutoramento em Sociologia.

ⁱⁱⁱ A década de 60 é pensada como um marco fundamental para esta mudança de valores e comportamentos, no entanto as transformações foram ocorrendo de forma lenta e que continuada até aos anos 80 (Weeks, 1985).

^{iv} Giddens refere que em condições de modernidade avançada, os laços sexuais duráveis, os casamentos e as relações de amizade tendem a aproximar-se das relações puras. A relação pura não está ancorada em condições externas da vida económica ou social como as relações pessoais dos contextos tradicionais. O casamento torna-se cada vez mais uma relação iniciada e continuada desde que o contacto próximo com o outro traga satisfação pessoal. A relação é procurada apenas pelo que é capaz de dar aos parceiros nela envolvidos, sendo reflexivamente organizada, de forma aberta e contínua. A confiança mútua, uma confiança que tem que ser ganha, é outro aspecto que a relação pura exige (Giddens, 1991).

^v Embora nos vamos referir aos jovens de forma geral, não consideramos contudo a juventude como uma categoria homogénea. A juventude é considerada como uma invenção social, historicamente situada, pelo que as condições da sua definição evoluem com a própria sociedade (Galland, 1996); contendo, no seu significado, ideias diferentes (Pais, 1993). Aparentemente unitária como fase da vida, tem uma diversidade interna de atributos sociais que distinguem os jovens uns dos outros; sendo socialmente dividida em função de interesses, de origens sociais, de perspectivas e aspirações, pelo que as vertentes de acesso à vida adulta são flutuantes, flexíveis e diversificadas. Deste modo existem também diferentes formas de transição para a vida adulta (Pais, 1993; Guerreiro e Abrantes, 2004).

^{vi} Os dados sobre os comportamentos sexuais dos portugueses foram gentilmente cedidos pela acessória de eventos do ICS. Os primeiros resultados do inquérito aos “Comportamentos sexuais e a infecção HIV/Sida em Portugal”, realizados por uma equipa do ICS, coordenada pelos investigadores Manuel Villaverde Cabral e Pedro Moura Ferreira, foram apresentados numa conferência realizada a 6 de Maio de 2008, no ICS.

^{vii} Quanto mais tarde os jovens têm a sua primeira relação sexual, mais esta parece estar associada ao sentimento amoroso (Jaspard, 2005 [1997]).

^{viii} Algo que realmente acontece no caso de algumas das nossas entrevistas (Marques, 2006).

^{ix} Este trabalho foi retirado da Internet (onde se encontrava em formato de PDF) e fazia referência a uma apresentação que irá acontecer entre os dias 18 e 22 de Setembro de 2006, no âmbito do XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, a realizar em Caxambú – MG – Brasil.